



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula Silva, em conjunto com o Presidente dos Estados Unidos da América, George W. Bush

Camp David - EUA, 31 de março de 2007

Jornalista: A boa vontade entre os senhores é evidente. Presidente Lula, é evidente também o empenho em avançar a Rodada de Doha. Se a Rodada de Doha não tiver sucesso, o Brasil tem um plano “b”? E presidente Bush, o que impede ou o que impediria os Estados Unidos de terem um acordo bilateral de comércio com o Brasil?

Presidente: Bem, eu tenho dito para todos os chefes de Estado para quem eu tenho ligado, ao presidente Bush, ao Tony Blair, à chanceler Angela Merkel, ao primeiro-ministro Prodi, ao presidente Chirac, a todos com quem eu tenho conversado eu tenho dito que a Rodada de Doha não é importante para o Brasil, não é importante para os Estados Unidos, ela é importante para que a gente possa garantir a esperança no mundo e, sobretudo, a certeza de que teremos mais paz no mundo. O Brasil é um país competitivo na agricultura, o Brasil hoje exporta... 50% das suas exportações são semimanufaturados e, portanto, nós temos condições de competitividade.

O presidente Bush sabe, eu sei, e acho que todos os líderes sabem que quando falamos em acordo na OMC, e estamos empenhados no acordo da Rodada de Doha, nós estamos trabalhando, sobretudo, para que os países mais pobres tenham uma chance. Obviamente que pode melhorar a nossa relação quando o Brasil tomar decisões sobre produtos industriais e no setor de serviços; pode melhorar quando os Estados Unidos tomarem posição sobre que tipo de subsídio vai ser reduzido; ou quando a União Européia disser se vai aceitar ou não os produtos agrícolas serem reduzidos para que os mercados



dos países pobres possam vender a eles.

Se não houver um acordo, o Brasil vai continuar no caminho que está, trabalhando, produzindo mais, vendendo e também comprando. Mas, certamente, os que sofrerão mais serão aqueles que não têm sequer a oportunidade de estar participando das reuniões que outros países têm poder de participar.

Eu tenho feito apelo e eu penso que... Eu disse que saio daqui satisfeito porque essa foi uma reunião extremamente produtiva, porque ouvi a intenção do governo norte-americano sobre o assunto. A nossa é total, e eu penso que se trabalharmos, Brasil e Estados Unidos, no convencimento dos nossos parceiros europeus, a gente pode chegar a um acordo. Eu acho que nesse caso não existe plano “b”, ou é plano “a” ou não tem acordo. E se não tiver acordo, certamente, nós não teremos nem vencedores nem perdedores, todos serão perdedores. Os ricos, porque serão responsáveis pelo que vai acontecer no mundo mais pobre.

Jornalista: (Inglês)

Presidente: Eu acredito que estejamos de acordo com relação às políticas que temos que fazer para cuidar melhor do ambiente e, portanto, na discussão das questões climáticas nós temos interesses comuns. O problema é saber o tempo e como fazer. No caso do Brasil, nós já temos 25% de etanol, ou melhor, hoje, 23% de etanol na gasolina já há muito tempo. Agora temos o carro flex-fuel, que é um carro que pode utilizar 100% de gasolina, 100% de etanol, 50% de gasolina, 50% de etanol. Portanto, é o caminho de começarmos a despoluir. Depois, não é apenas a questão do etanol ou do biocombustível, é a questão da energia elétrica. É preciso que tenhamos a responsabilidade de não fazer termoelétricas a carvão, por exemplo, que poluem de forma excepcional o Planeta. Que as empresas invistam mais na diminuição da emissão de gases.



O dado concreto é que o problema da questão climática hoje é como se fosse uma doença grave, ela não tem setor social que ela atinge, ela não tem país, ela vai atingir o Planeta como um todo e nós não temos para onde ir. Não conseguimos chegar a Marte, a Lua não é apropriada para a gente morar. Portanto, ou nós cuidamos da Terra com o carinho que nós cuidamos de um filho nosso ou todos nós iremos nos arrepender. Possivelmente, quem já esteja na minha idade não, com 61 anos. Mas eu tenho netos e quero ter bisnetos, e eu quero que eles tenham orgulho de o seu avô ter construído um mundo, para eles, melhor do que aquele que eu recebi do meu pai.

Então, eu penso que todos nós vamos nos colocar de acordo de que é preciso muito, muito mais responsabilidade nas discussões das questões climáticas do que nós tivemos hoje. O mal está na nossa frente, estamos enxergando e sentindo. Portanto, não temos mais como virar as costas.

Jornalista: O governo dos Estados Unidos, nas últimas semanas, tem manifestado muita preocupação com os investimentos de algumas companhias estrangeiras do setor de petróleo no Irã. Nesta semana, o embaixador americano no Brasil deixou bastante claro que essa preocupação se estende aos investimentos que a Petrobras tem feito no Irã, que a Petrobras considera estratégicos. Eu perguntaria ao presidente Lula se, na sua avaliação, a Petrobras deve continuar fazendo negócios no Irã, ou deve se afastar, como os Estados Unidos gostariam. E eu gostaria de perguntar ao presidente Bush por que os Estados Unidos querem que a Petrobras se afaste do Irã, se o país tem cumprido todas as sanções aprovadas pelas Nações Unidas.

Presidente: Eu estou convencido de que a Petrobras vai continuar investindo e pesquisando no Irã. O Irã tem sido um parceiro comercial importante do Brasil, eles nos compram mais de 1 bilhão de dólares e não nos vendem quase nada.

Eu sou defensor de que o comércio justo é aquele comércio em que



you buy and sell, you sell and buy. You can't just sell. And then, there are political problems within each country. But, up to now, Iran has not been a victim of any sanctions proposed by the United Nations. I know there are political divergences between Iran and other countries. With Brazil, we have no political divergence and, therefore, we will continue working together with Iran in whatever is of interest to Brazil. I don't see any problem in being different.